

IMIGRAÇÃO E RELIGIÃO. UM ESTUDO SOBRE A IMIGRAÇÃO ESPANHOLA E O ESPIRITISMO EM PARA SÃO PAULO

Arlete Assumpção Monteiro¹

Introdução

O presente artigo remonta ao estágio pós-doutoral realizado na Universidad Pablo de Olavide, Sevilha, Espanha, para a pesquisa “A importância da Imigração Espanhola para a industrialização de São Paulo” junto ao Curso de Doutorado “História da América Latina”, sob a orientação do historiador Prof. Dr. Juan Marchena². Ao apresentar o interesse pela temática o professor Marchena comentou, *a Espanha tem regiões muito diversificadas, você está numa universidade da Andalucía, inicie seu estudo sobre Luiz Galvez, o imperador do Acre.*

A Andalucía é uma região autônoma da Espanha; localiza-se ao sul do território espanhol, banhada pela Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo, composta pelas províncias de Cádiz, Huelva, Sevilha, Granada, Málaga, Almeria, Córdoba e Jaén.

¹ Doutora em História Econômica, Universidade de São Paulo, Pós Doutora, Universidad de Salamanca (2017) e na Universidad Pablo de Olavide, Sevilha, Espanha (2005). Profa. Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro da Diretoria do CERU-Centro de Estudos Rurais e Urbanos-Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de História Social das Cidades – PUCSP. Comitê Editorial da Revista digital CORDIS-PUCSP. e-mail: arlete.as@gmail.com.

² Professor Titular e Diretor do Curso de Maestria e Doctorado em História da América Latina, da Universidad Pablo de Olavide, universidade pública da Junta de Andalucía, Espanha.

Ilustração 1. Andalucía, em português, Andaluzia, região da Espanha.



Fonte: <https://www.andalucia.com/about>

Galvez, o imigrante aventureiro

Luiz Galvez Rodríguez de Arias (1864-1935) nasceu em Cádiz, província de Andalucía; filho do almirante da Marinha Real na época em que reinava na Espanha Isabel II ³.

O pai de Galvez morreu em 1896. Foi então que Galvez descobriu que seu pai era um jogador e nada deixou de herança.

De fato, meu pai não me deixou nada. Em 1868, meu pai participou da rebelião de Cádiz... Meu pai atravessaria todos os incidentes políticos da Espanha e passaria de comandante da Base Naval à prisão quando a monarquia foi restaurada em 1875... Quando ele caiu em desgraça, minha mãe fugiu comigo para Ceuta, onde ficamos um ano. Era uma mulher decidida, meu avô tinha sido remanescente da guerrilha

³ Isabel (1830-1904) proclamada Rainha em 24 de outubro de 1833, devido a morte de seu pai, subiu ao trono aos 13 anos de idade, quando foi declarada sua maioridade, reinando até 1868; foi deposta refugiando-se em Paris. O Rei Fernando VII da Espanha, seu pai, antes de morrer emitiu a Sanção Pragmática, em 1830 declarando sua filha primogênita como sucessora devido à falta de um filho homem. Seu tio, o infante Carlos Maria de Bourbon, não aceitou, iniciando o período denominado Na Era Carlina; ocorreram vários golpes para deposição da Rainha Isabel II, que abdicou da coroa em junho de 1870.

contra as tropas de Napoleão Bonaparte... Vivíamos numa casa espaçosa na Alameda de Cádiz, uma espécie de sobrado e um mirante que se abria para o mar. Era uma casa mourisca, bastante antiga e o mirante oferecia a paisagem da baía de Cádiz... (Souza: 2001, p. 44).

Galvez estudou Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade de Sevilha. Depois de ter trabalhado no serviço diplomático espanhol em Roma e Buenos Aires, chegou na Amazônia em 1897, conseguindo trabalhar como jornalista em Belém do Pará, no jornal *Correio do Pará* e, posteriormente, em Manaus, no jornal *Commercio do Amazonas*.

Galvez era um homem viajado, portador de excelente cultura e modos refinados pela educação que recebeu de sua família; decidiu vir para a Amazônia com intuito de conseguir fortuna, portanto considerado um aventureiro. Nessa época o Acre, território da Bolívia, era povoado por brasileiros do norte e nordeste brasileiro que buscavam a exploração do látex nos seringais bolivianos.

Segundo Marcio Souza (2001:47) até a metade do século XIX o Acre era uma região esquecida e miserável que se tornou cobiçada internacionalmente; habitada por índios, a região era evitada devido as doenças que lá proliferavam, até pelos exploradores mais corajosos. Entretanto, a melhor borracha exportada pelo Brasil vinha do Acre. Os nordestinos não tiveram medo da febre e entraram na região. Empurraram a fronteira com a miséria. Toda borracha explorada na região, pagavam impostos para o governo do Amazonas.

No dia 3 de junho de 1899 o jornal *Província do Pará* publicou uma reportagem de Galvez que tornou o Acre conhecido no Brasil e no Mundo, denunciando que a Bolívia ia alugar parte do seu território a investidores ingleses e americanos. Galvez havia sido procurado para traduzir um documento no qual tratava dos interesses estrangeiros sobre a região boliviana do Acre onde os brasileiros haviam se instalado. Como jornalista, Galvez publicou o documento.

O escritor Alfonso Domingo Álvaro escreveu a novela *La estrella solitaria* (2003)⁴ mostrando que o ciclo da borracha se converteu em lucrativo negócio no território fronteiriço entre a Bolívia e o Brasil, nos seringais do Acre aonde chegou o aventureiro espanhol Luiz Galvez. O livro ganhou o VII Prêmio de Novela “Ciudad de Salamanca”. A façanha de Galvez permaneceu no esquecimento até que a obra de Alfonso Álvaro veio à público como uma história emocionante na selva amazônica, numa terra que ninguém se aventurava devido às doenças que grassavam nas terras acreanas.

Com a publicação da reportagem os seringalistas que exploravam o látex nas terras bolivianas ficaram preocupadíssimos. Galvez havia desvelado ao governo brasileiro um acordo secreto entre Bolívia e Estado Unidos pelo qual os estadunidenses se comprometiam a intervir apoiando a Bolívia em caso de guerra com o Brasil.

⁴ ÁLVARO, Alfonso Domingo. *La estrella solitaria*. Madri: Algaida Editores, 2012. Idioma espanhol, 448 páginas.

O Estado do Amazonas brigava com o Estado do Pará. O governo do Amazonas apoiava o Acre como causa brasileira, pois obtinham o lucro da borracha produzida nos seringais acreanos que eram de excelente qualidade. O governo do Pará considerava o Acre o território boliviano, conforme o Tratado de Ayacucho, denominado Tratado da Amizade, selado na cidade boliviano de La Paz, em 23 de novembro de 1867, no governo do General Mariano Melgarejo com o Imperador Dom Pedro II.

Com a assinatura do Tratado de Ayacucho ou Tratado de Amizade, em 1867, a posse do atual estado do Acre ficou para a Bolívia, mas a região e seus rios, eram em maioria ocupados por seringalistas e seringueiros brasileiros, a Bolívia mesmo tendo posse do território não exercia nenhum controle fiscal ou militar sobre a região, permitindo a expansão da exploração brasileira por lá (Vieira: 2020, p. 1).

A notícia do interesse americano e inglês nas terras do Acre exploradas pelos seringalistas brasileiros que se aventuraram nas terras bolivianas, resultou em preocupações e reuniões em defesa dos brasileiros.

A causa que defendemos não pede barreira de nacionalidade. Pede apenas solidariedade. Lutamos contra a ameaça que pesa sobre o povo do Acre, uma região esquecida e miserável e que se tornou alvo da cobiça internacional... Lutamos contra a criação de uma Corporação Internacional que poderá dominar o Acre. Já existem muitas regiões do globo infelicitadas por esse tipo de empresa (Souza: 2001, p.1).

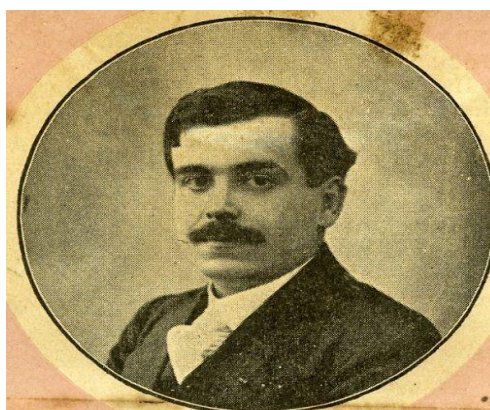
Em 1899, o governo da Bolívia fundou a cidade de Puerto Alonso, para reforçar a presença boliviana no território legalmente

boliviano, cobrar impostos dos brasileiros na produção da borracha exportada. Os brasileiros, insatisfeitos, resolveram expulsar os bolivianos que estavam muito longe de suas casas, e foram embora.

O Estado do Amazonas enriquecia com o dinheiro da borracha; o Acre tinha a melhor borracha, era a borracha do Acre a mais valiosa, porque era de melhor qualidade.

O governo brasileiro não se interessava pela questão, pois argumentava que respeitava o tratado Brasil-Bolívia.

Ilustração 2. Luiz Galvez Rodrigues de Arias



Fonte: Rondoniense, 2020.

Numa reunião em Manaus sobre a questão dos brasileiros no Acre, Galvez foi convidado a participar. Segundo Souza (2001) foi oferecido cinquenta mil libras para Galvez ir ao Acre defender os direitos dos brasileiros.

Por cinquenta mil libras eu tinha que conquistar o Acre do domínio boliviano, declarar o território independente, formar

um governo e tentar reconhecimento internacional (Souza, 2001: 138).

Em 14 de julho de 1899, Galvez fundou a República do Acre, na data em que se comemorava 110 anos da queda da Bastilha em Paris. Gálvez foi proclamado Presidente da República do Acre, instituiu as Armas da República, a bandeira atual, organizou ministérios, criou escolas, hospitais, exército, corpo de bombeiros, serviu de juiz, expediu selos postais e idealizou um moderno país para a época, com preocupações sociais, ambientais e urbanas. Emitiu decretos e despachos a todos os países da Europa e nomeou representantes diplomáticos. Era uma estratégia para forçar a entrada do Brasil na questão do Acre. Naquela época, governava o Brasil Manuel Ferraz de Campos Sales (1898-1902). Em 15 de março de 1900 o governo brasileiro prendeu Galvez e devolveu o Acre para a Bolívia.

Os espanhóis na cidade de São Paulo

O fluxo da imigração espanhola para São Paulo pode ser entendido em três fases. A primeira no final do século XIX e princípio do XX, atraídos pelo desenvolvimento da agricultura cafeeira e pelo crescimento da cidade de São Paulo. A segunda, por voltada década de 1940 devido a Guerra Civil Espanhola, pela pobreza e ou por motivos políticos dos que perderam a guerra. A terceira ocorreu com crescimento da indústria paulista, principalmente a automobilística, que atraiu muitos espanhóis para São Paulo. Durante as pesquisas realizadas junto à Universidade de Cádiz, Faculdade de História, a professora do

Grupo de Pesquisas Oralidades comentou: *Daqui de Cádiz, foram muitos jovens para trabalhar nas indústrias de automóveis de São Paulo, depois retornaram com dinheiro e investiram no ramo imobiliário e na construção civil* ⁵.

O Dr. Drauzio Varella (2018) no livro *Nas Ruas do Brás*, destaca que muitos espanhóis emigraram para o Brasil devido a guerra e a pobreza que grassava na Espanha, como ocorreu com seu avô quando soube que o vizinho, seu Paco. Ia mudar com a mulher e cinco filhos para São Paulo. O menino, com doze anos, tanto insistiu que convenceu seu Paco a levá-lo com ele, pois uma criança não podia viajar sozinho. Seu Paco foi franco com a mãe do menino dizendo que até desembarque no Brasil ele diria às autoridades que o jovem viajava com ele, depois não poderia ajudá-lo. Em Santos, o menino, analfabeto, disse adeus ao sr. Paco, desembarcando com uma calça, uma camisa, um par de meias e um casaco na malinha (Varella, 2018: 6). Nessa época, havia necessidade de mão de obra para as fazendas de café no interior de São Paulo, agenciadores aguardavam no porto de Santos os navios que vinham da Europa para contratar trabalhadores e o avô do Dr. Drauzio Varella, foi parar em Jaú, interior de São Paulo, passando a cuidar de cavalos. Assim que conseguiu um dinheirinho, foi tentar a vida no bairro do Brás, em São Paulo, onde principiava a industrialização no início do século XX.

⁵ Depoimento da Profa. Dra. Maria Dolores Perez Murrillo, docente Titular, Facultad de História, Universidad de Cádiz, para o presente estudo.

No Atlas da População do Estado de São Paulo 1991, Quadro Estrangeiros no Estado de São Paulo segundo a nacionalidade, em 1888 os dados apontam 1.003 espanhóis, 9.853 portugueses e 13.384 Italianos. Em 1920, os espanhóis com 171.289 indivíduos, suplantaram os portugueses que registraram 167.198 imigrantes, todavia os italianos eram em maior número com 398.797 indivíduos. Em 1940 os dados apontam 121.162 espanhóis, 155.251 portugueses e 213.091 italianos, mantendo a predominância dos imigrantes italianos em São Paulo ⁶.

A emigração espanhola para o Brasil se assentava por todo Estado de São Paulo, em diferentes regiões do interior. Ocorre que entre 1878-1880 a praga “filoxera” dizimou os vinhedos dos pequenos proprietários espanhóis e, dez anos depois, novamente a praga arruinou as propriedades andaluzes, deixando grande desemprego, acrescido o fato de uma grande enchente ter devastado a província de Almeria. Outro fator significativo foi a obrigatoriedade do serviço militar numa época em que a Espanha estava em conflito com suas colônias na América e na Ásia, resultando no abandono da Espanha antes dos jovens completarem a idade das leis militares. Acresce o fato dos espanhóis serem assediados por propagandas e agenciadores interessados a levar espanhóis para o Brasil, especialmente para São Paulo, onde o governo subsidiava a viagem facilitando a vinda

⁶ Demartini, Zeila de Brito Fabri. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. Pro-Posições. v. 15, n. 3 (45) - set./dez. 2004: 205 a 228.

principalmente de famílias andaluzes que viam uma possibilidade de deixar a Espanha (CORNER: 2016).

Cabe apontar que a Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo localizava-se no Brás, um dos maiores centros de recepção de estrangeiros já existentes no Brasil. Em 1886, as construções dos edifícios se iniciaram; um projeto para receber 3 mil imigrantes e chegou a acolher 10 mil pessoas ⁷.

No Brás estavam localizadas duas importantes estações ferroviária: estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, com o nome de Estação Roosevelt, fundada em 1875, que ligava São Paulo ao Vale do Paraíba e Rio de Janeiro, ao lado da Estação Brás, da The São Paulo Railway, conhecida como A Inglesa, que ligava o planalto paulista ao Porto de Santos.

⁷Livros de Registros da Hospedaria dos Imigrantes. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/memoria_do_imigrante/pesquisa_livros_hospedaria

História da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo. Disponível em: <https://gavetasdaalma.wordpress.com/2016/10/07/historia-da-hospedaria-de-imigrantes-de-sao-paulo-que-acolheu-muito-dos-nossos-ancestrais-italianos-%F0%9F%87%A7%F0%9F%87%B7-%F0%9F%87%AE%F0%9F%87%B9/>

Ilustração 3. Imigrantes no pátio interno da Hospedaria. 1910.



Fonte: Acervo do Museu da Imigração/APESP

O presente artigo pretende destacar a importância da presença dos imigrantes espanhóis no Bairro do Brás e arredores, *locus* de grande concentração de famílias espanholas e jovens solteiros que encontravam empregos como operários nas indústrias que se instalaram no bairro ou desempenhavam atividades autônomas como sapateiros, entregadores de mercadorias, empregados de bares e formaram comunidades com valores oriundos da região de origem.

As inúmeras igrejas existentes no bairro do Brás e dos arredores como Moóca e Belenzinho realizavam festividades em homenagem aos santos padroeiros com missas, quermesses e procissões animando a vida dos moradores, tornando-se o lazer nos finais de semana, como ocorria na igreja de Bom Jesus do Brás, inaugurada em 1903 local onde o bairro foi se desenvolvendo com a chegada de grande número de imigrantes nos anos seguintes. A Paróquia São José do Belém iniciou suas atividades no dia 15 de agosto de 1897, era apenas

uma capelinha de aldeia, cujo terreno foi cedido pela Câmara Municipal em 1878, para a construção de um santuário; tornou-se um elo de concentração de famílias imigrantes que chegaram nos primórdios do século XX.

Entretanto, a pesquisa empreendida, cujos dados foram obtidos através de depoimentos orais, entrevistas e depoimentos sobre trajetórias familiares complementados por documentos manuscritos e impressos e fotografias antigas, demonstrou a existência de práticas do espiritismo nas residências principalmente de espanhóis e seus descendentes. Tal observação também é assinalada por Alexandre Bolssolani (2017), em seu livro *Rapaziada do Brás. A vida dos jovens nos anos 60* afirmando que naqueles tempos, a religião católica era soberana. Além dela, tínhamos um pouco das ligadas ao espiritismo, e menos ainda, à protestante (Bolssolan: 2017 p.138).

A Espanha foi o berço dos Congressos Espíritas. Em 1888, em Barcelona, ocorreu o Primeiro Congresso Espírita Internacional. Em 1873, já havia sido proposto ao Parlamento Espanhol o ensino da Doutrina Espírita. A Revista Espírita, de publicação quinzenal, seu primeiro número chegou ao público em 1º de março de 1869 e por dez anos 1869 – 1878 estava nas bancas nos dias 1 e 15 de cada mês. Com a morte de seu fundador Francisco Martí, em 1878 a revista passou a

ser editado pela viúva de Martí, e foi suprimida pelas autoridades logo após⁸.

Enrique Pastor y Bedoya, pseudônimo Alverico Perón, economista, faz parte da História do Espiritismo na Espanha; nasceu em Madri em 1833, conhecendo o espiritismo em 1858, através de seu pai que esteve nos Estados Unidos e voltou com os princípios do Novo Espiritismo. Em Cádiz, passou a frequentar reuniões espíritas de experimentação. Em 1865 fundou a Associação Espírita Espanhola⁹.

O espiritismo se constituiu no Brasil como kardecismo, surgido na França, no século XIX, por Allan Kardec, interessado pelas explicações sobre a mediunidade. Espalhou-se pelos Estado Unidos e outros países da Europa, cuja proposta se baseia com a comunicação com os espíritos dos mortos e a crença da reencarnação, numa explicação científica-filosófica.

Em meio a dois polos – a religiosidade espiritualista e as ideias positivistas – encontrava-se Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, fundador, ou melhor, “codificador” de um corpo teórico-doutrinário que propunha entender o mundo e suas relações com o “além” de uma forma bastante inusitada, já que se define, ao mesmo tempo, como uma doutrina filosófica, científica e religiosa (Arribas: 2012, p. 256).

⁸ Primeiro Congresso Internacional Espírita. Barcelona, Espanha, 1888. Disponível em: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Historia%20do%20Espiritismo/1%20Congresso%20Esp%C3%ADrita/Primeiro%20Congresso%20Internacional%20Esp%C3%ADrita%20de%20Barcelona%20em%201888.htm>

⁹[http://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Periodicos%20Espiritas/EI%20Espiritismo%20\(Sevilla\)/EI%20Espiritismo%20\(Sevilla\).htm](http://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Periodicos%20Espiritas/EI%20Espiritismo%20(Sevilla)/EI%20Espiritismo%20(Sevilla).htm)

O pesquisador Reginaldo Prandi¹⁰ aponta que foi o aspecto científico do kardecismo que atraiu inicialmente os brasileiros, mas no Brasil o espiritismo se espalhou como religião, como nenhuma outra parte do mundo, expandindo-se e consolidando-se.

Quando Reginaldo Prandi, um dos principais estudiosos das religiões brasileiras, começou a trabalhar como cientista social no Cebrap, lá pelos idos de 1971, um dos seus primeiros temas de pesquisa foi precisamente o espiritismo, num projeto dirigido por Cândido Procópio Ferreira de Camargo que deu origem às primeiras publicações sobre o kardecismo e a umbanda, segmentos religiosos que ganharam o nome na literatura acadêmica de religiões mediúnicas ... Desde então, Prandi vem trabalhando na área de Sociologia da Religião e conta hoje com diversos trabalhos (Arribas: 2012, p. 255).

O Bairro do Brás e o espiritismo

O tropeiro Joaquim Branco de Mello casou-se com a jovem Fortunata Barros, em São Paulo, por volta de 1875. Joaquim, continuou na sua atividade de tropeiro, trazendo animais do sul até Sorocaba, SP. O tropeirismo estava voltado ao abastecimento interno do país. As mercadorias eram transportadas no lombo das mulas. As pessoas viajavam montadas nos cavalos. Sorocaba localizava-se na metade do caminho para o sul, esse foi um dos fatores que motivou o surgimento de um grupo de tropeiros, negociantes de animais, que percorriam todo

¹⁰ Professor emérito da USP. Aposentado em 2005, do Departamento de Sociologia da USP, atualmente é professor sênior do mesmo departamento e pesquisador sênior do CNPq. Trabalha na área de sociologia, com ênfase em sociologia da religião, atuando principalmente nos seguintes temas: religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda), catolicismo, espiritismo e pentecostalismo.

o Brasil comprando muares no sul do país e vendendo nos estados situados mais ao norte. Sorocaba era o ponto de encontro de compradores e vendedores. A instauração da cobrança de impostos a partir de 1750 a passagem por Sorocaba tornou-se obrigatória, surgindo a Feira de Sorocaba que durou aproximadamente 150 anos, evento comercial mais importante do Brasil da época. Durante os meses de abril e maio começavam a chegar à feira os compradores e vendedores, além dos muares que eram negociados, na quantidade impressionante de 40 a 50 mil animais. A primeira tropa que passou por Sorocaba foi em 1732 e tinha 3 mil peças ¹¹.

A venda de muares ocorria durante todo o ano, mas crescia nos meses de abril e maio, quando para Sorocaba afluíam, além de compradores de animais, ricas famílias da capital e cidades vizinhas que vinham para se divertir. A cidade apresentava aspecto festivo com a presença de mascates, fabricantes de arreios, ourives especializados em prata, circo de cavalinhos, companhias de teatro, jogadores, cantores e outros. Ela começava com a venda do primeiro lote de animais. O grito de “Rebentou a feira!” era o sinal para o início de todos os outros negócios. À noite, os tropeiros se entregavam aos vários divertimentos procurando esquecer as agruras das longas jornadas ¹²

Joaquim Branco de Mello continuou na sua atividade de tropeiro, ausentando-se por muitos meses do lar. Mesmo assim teve 21 filhos, sendo 10 mulheres. Quando a Feira de Sorocaba terminou em 1897, depois de alguns anos e com a filhas crescidas, decidiu mudar com a

¹¹ Briones, Marco. Sorocaba e Feira do Tropeirismo. Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/sorocaba-tropeirismo/>

¹² Postado por Paulo Queiróz, maio 24, 2010. Disponível em: <https://pcqsorocaba.blogspot.com/2010/05/historia-do-tropeirismo-sorocaba-sp.html>

família para Santo André, vila que crescia com o desenvolvimento das tecelagens; ao redor da Estação Ferroviária da *The São Paulo Railway*. Estas empresas buscavam mão de obra feminina. Acostumado a trabalhar com animais, Joaquim comprou uma carroça para transportar passageiros que chegavam do trem para locais mais distantes, como os professores que iam dar suas aulas no Grupo Escolar Senador Flaquer.

As filhas logo foram empregadas nas tecelagens.

Eu era muito pequena, tinha uns 7 anos. A Odete trabalhava na tecelagem, não fazia serviço de casa porque tinha que ter as mãos como seda; na tecelagem seu serviço era esticar a casimira e passar a mão no tecido para tirar com pinça os fiapos que ficavam nas casimiras que eram compradas pelos alfaiates para costurarem os ternos dos rapazes ¹³.

Uma das filhas mais velhas do casal casou-se com um rapaz espanhol Miguel Baho que migrou para o Brás com seu irmão, atraídos pela industrialização que se desenvolvia rapidamente em São Paulo e havia grande oferta de mão de obra. A família do rapaz havia emigrado de Málaga, Espanha, para a Argentina, com destino ao Chaco, de clima muito quente e com grandes dificuldades para o trabalho agrícola. Os jovens decidiram deixar seus pais e irmãos e partiram para uma nova vida, chegando no Brás. A grande família do antigo tropeiro acolheu os jovens e aprovou o casamento da filha com o espanhol Miguel, sapateiro e adepto da homeopatia, trazendo em sua bagagem cultural os ideais do espiritismo, já divulgado na Espanha. Parentes de sua esposa, vizinhos

¹³ Entrevista com Sra. Nair Mello aos 90 anos de idade. Acervo da pesquisadora.

e amigos o procuravam para conselhos e passes espíritas. Nunca fundou nenhuma associação nem realizava sessões espíritas em sua moradia. Miguel morreu com 43 anos de idade, nunca voltou a ver seus pais, irmãos e parentes no Chaco Argentino, nem retornou à Espanha.

Imagem 4. Esposa e filha do espanhol Miguel Baho, com sapatos iguais.



Fonte: acervo da pesquisadora

Os princípios espíritas sobre a alma, a reencarnação, as preces para os espíritos e possível contato com os que partiram para o outro mundo, foram despertando interesse, principalmente entre as mulheres, sobre o espiritismo; buscaram leituras, cursos e reuniões para aprofundarem o conhecimento sobre o espiritismo, muitas vezes entrando em choque com os princípios católicos de seus maridos.

Por volta de 1946, no Jardim da Glória, cidade de São Paulo, foi fundado o Nosso Lar, associação para atendimento às crianças órfãs ou desamparadas, com princípios do espiritismo. Nos idos 1968, nas 2as. Feiras à tarde ocorriam reuniões de estudos com base nos princípios de Allan Kardec; tais reuniões tornaram-se ponto de encontro de amigos, parentes e descendentes dos familiares do antigo tropeiro.

O Brás, administrativamente, pertence à região central da cidade de São Paulo, ao lado dos bairros do Bom Retiro, Móoca, Cambuci e da Sé. É um dos lugares preferidos para instalação de megas igrejas que no decorrer dos anos se instalaram no Brasil e abriram suas sedes em diversos locais da cidade de São Paulo.

Bibliografia

Livros

BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BOLSSOLANI, Alexandre. *Rapaziada do Brás. A vida dos jovens nos anos 60*. São Paulo: All Print Editora, 2017.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

DOMINGO, Alfonso, *La estrella solitaria*. Sevilla: Algaida, 2003. Disponível trecho: https://novela.algaida.es/primer_capitulo/la-estrella-solitaria.pdf

HIRANO, Sedi; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias Migrantes. Caminhos Cruzados*. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2016.

SOUZA, Márcio. *Galvez, o Imperador do Acre*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

VARRELA, Drauzio. *Nas Ruas do Brás*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, Coleção Memória e História, reimpressão 2018.

Artigos

ARRIBAS, Célia da Graça. Prandi, Reginaldo. Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo. Resenha. In Debates do NER. Porto Alegre, ano 14, n. 23 p. 255-260, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/34254/26012>

CORNER, Dolores Martin Rodríguez. Cartas de chamadas de imigrantes espanhóis de São Paulo 1911-1930. In HIRANO, Sedi; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Histórias Migrantes. Caminhos cruzados*. São Paulo: Humanitas, 2016.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. *Pro-Posições*. v. 15, n. 3 (45) - set./dez. 2004:

VIEIRA, Rita. A questão do Acre e o Tratado de Petrópolis. *Rondoniense*, 2 de dezembro 2020. Disponível em: <https://orondoniense.com.br/a-questao-do-acre-e-o-tratado-de-petropolis-por-rita-vieira/>

Outras Publicações

MONTEIRO, Arlete Assumpção. *Santo André. De seus primórdios à industrialização. Um estudo sobre os imigrantes ao longo da The São Paulo Railway*. Tese de Doutorado, USP, História Econômica, 1998.

SILVA, João Enicelio. *O Corredor da Fé: Expansão e Concentração Religiosa no Bairro do Brás*, em São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

Fontes digitais.

Luis Gálvez el oro verde y la república de la selva, 24 de maio de 2015. Disponível em: <http://chrismielost.blogspot.com.es/2015/05/luis-galvez-el-oro-verde-y-la-republica.html>

FFLCH/USP. Reginaldo Prandi. *Os mortos e os vivos*. (Resenha). Disponível em: <https://reginaldoprandi.fflch.usp.br/livro-mortos>

Minissérie

Amazônia. *De Galvez à Chico Mendes* (2007). Baseada no livro *O Seringal*, de Miguel Ferrante e *Terra Caída*, de José Potyguara. Autoria de Glória Perez.